



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
CURSO DE FILOSOFIA**

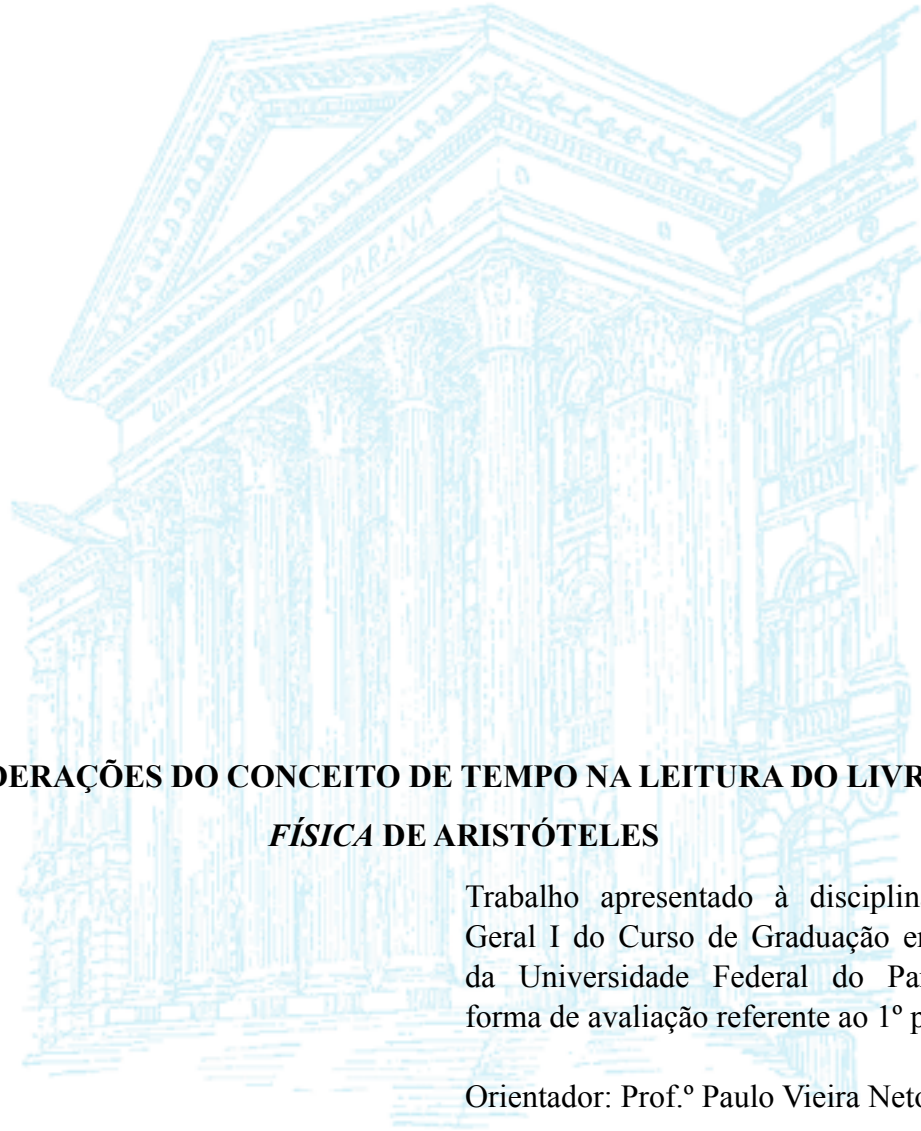
MARCOS JAQUES

**CONSIDERAÇÕES DO CONCEITO DE TEMPO NA LEITURA DO LIVRO IV DA
FÍSICA DE ARISTÓTELES**

CURITIBA

2015

MARCOS JAQUES



**CONSIDERAÇÕES DO CONCEITO DE TEMPO NA LEITURA DO LIVRO IV DA
FÍSICA DE ARISTÓTELES**

Trabalho apresentado à disciplina Filosofia Geral I do Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Paraná como forma de avaliação referente ao 1º período.

Orientador: Prof.º Paulo Vieira Neto

Curitiba, junho de 2015.

SUMÁRIO

1. I N T R O D U Ç Ã O	
4	
2. O	TEMPO
5	
3. CONSIDERAÇÕES	FINAIS
8	
R E F E R Ê N C I A S	
9	

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo esclarecer o conceito aristotélico de tempo, no livro IV da *Física*. A busca de concepções sobre o que o tempo é ou o que o tempo foi? São de muito prestígio no viés aristóteleco, por ter incorporado a noção de tempo, com a mudança/movimento, Aristóteles, nos mostra que o a mudança que percebemos, confere ao tempo uma participação exponencial. No que consiste, o tempo, sua relação com nossas experiências é dissecada por Aristóteles no decorrer de sua apresentação sobre o tempo.

No intuito de esclarecer alguns pontos, iniciarei com apresentação do tema, após isso, assinalarei os pontos principais, em que Aristóteles incide outros conceitos subjacentes ao tempo. Destarte, relembrei as formas com que Aristóteles trata o conjunto tempo-mudança, isso com, uma breve análise do mito dos adormecidos da Sardenha. Pontuarei as principais nuâncias de Aristóteles, sem me atentar a etimologia grega de alguns termos.

Após isso, indicarei como Aristóteles inclui o mundo no tempo e o tempo no movimento, uma composição diretamente relacionada. Com isso, o conceito de tempo, é formado e explicado por meio das correlações entres esses três entes.

Por fim, demonstrarei que a mudança no conceito de tempo. É o que cerne de toda a engendradora concepção de Aristóteles, assim sendo, mais palatável ao entendimento, para a melhor compreensão, do que o Estagirita concebia como tempo.

2. O TEMPO

O tempo¹ é importante? Talvez sim, não obstante, esse conceito possui muitos mistérios e interpretações no meio filosófico. Fazendo com que, o entendimento de tal conceito, seja uma tarefa delicada e minuciosa, além, de tê-lo esminuçado, Aristóteles, concebe os princípios de um pensamento sobre o tempo, em consonância ao da mudança. Quando somos capazes de perceber a mudança, podemos perceber o tempo passar. Sendo assim, o tempo não ocorre sem mudança, e só percebemos o tempo transcorrer quando estamos mudando, entretanto, quando pensamos no tempo em uma instância maior, podemos refletir que ele ocorre mesmo eu não o percebendo.

Essa ideia é pressuposta por Aristóteles, na lenda sobre os adormecidos da Sardenha² em que ele demonstra que após despertar do seu sono, os adormecidos não conseguiam fazer uma ligação lógica com o tempo, em que ficaram insensíveis, no seu sono. Os adormecidos unificaram o tempo, em que caíram no sono ao tempo que despertaram. O tempo intermediário, é como algo inexistente para os adormecidos da Sardenha. O tempo não existe para eles, pelo simples fato, dos adormecidos da Sardenha, não terem percebido a mudança (*metabole*), neste passo, podemos incorporar um contra ponto com o movimento, essa diferença é tratada por Aristóteles no seu livro V da *Física*, que surge quando Aristóteles afirma que a “mudança difere do pensamento”³.

¹ Cf. ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1999. “TEMPO” (*gr. χρόνος; lat. Tempus; in. Time, fr. Temps; ai. Zeit; it. Tempo*). Podemos distinguir três concepções fundamentais: 1 a o T. como ordem mensurável do movimento; 2-o T. como movimento intuído; 3 a o T. como estrutura de possibilidades.

²Cf. Fís. IV, 11, 218b 20 – 30.

³ Cf. Fís. V, 6, 229b 25 – 30.

A relação que o tempo tem com o movimento segundo Aristóteles é uma atividade da alma, ela percebe o movimento que nos cerca, desse modo, o movimento esta no mesmo patamar da mudança, sem a atividade da alma, não haveria o tempo. O tempo Aristotélico é por excelência contingente a experiência. Além disso, o sentimento de saber que o tempo passou, é uma ação simultânea ao passar do tempo, essa percepção de passagem temporal, é considerado por Aristóteles, um movimento estável e contínuo, pois, quando movemos algo no tempo este “algo” pode ser pensado como consequência do movimento de alguma coisa, que foi movida no tempo.

O movimento vai definir o tempo, quando eu denomino o meu tempo, essa ação é determinada pela minha capacidade de empregar sentido as coisas, quando determino um antes e depois. Com esta inferência, Aristóteles coloca uma parcela de determinação do tempo ao perceptor, que o define em sua particularidade, na medida em que, podemos incondicionalmente formar nosso tempo, a partir do nosso contato com o tempo, experiência, em outros termos, nossa alma percebe o tempo, imanente. Para Aristóteles estamos em constante mudança, no tempo, isso possibilita traçar uma linha, onde localizamos o inicio o meio e fim do período. Todavia, perdemos está atribuição, quando estamos sem os sentidos, em plenas condições de funcionamento, o que ficou claro com a ilustração aristotélica.

Como estamos condicionados a ter uma percepção do mundo como um movimento, contínuo, é eximida a possibilidade de uma unidade, uma vez que, determinamos todas nossas ações, partido do pressuposto de um tempo existente, incondicionalmente, quando imaginamos um mundo sem tempo, é de per si pesar em movimento, nossa alma, segundo Aristóteles numera o antes e depois e o nomeia tempo. O tempo sendo movimento, abre margem para pesarmos em um mundo determinado por um movimento, e assim sendo, o tempo não passaria de uma das definições de movimento, por se encontrar em todas as

fórmulas que usamos para entender a física, isso nos coloca indubitavelmente, com o conceito de tempo na contingência dos números. No entanto, esse número deve ser entendido com duas acepções, o número como numerador e cantável, nós numeramos coisas e contamos outras. O tempo entra no que tange a contagem, ele pode ser contado usando um ponto de partida, em que iniciamos o fracionamento dos momentos.

E como podemos ter tempos diferentes no movimento, se tudo esta em movimento, o movimento deveria ser contínuo e uniforme, porém, percebemos claramente que o tempo pode variar devido a muitas circunstâncias. Ao interrogarmos nossos sentidos, percebemos o que está acontecendo no presente, podemos imaginar como somos neste presente, porém, não seremos os mesmos de quando começamos a pensar nisso, nesse sentido, como poderíamos perceber o que estamos no agora, se o agora não é o mesmo de que quando pensei no agora⁴. Para Aristóteles isso é possível, pois, colocamos nossa alma para numerar o agora, então a percebemos como depois, na medida em que, o tempo acontece na simultaneidade do movimento. Isso é descrito de maneira escalonada, assim, conseguimos criar um ponto de aferência de tempo na consciência, à movimentação que profere sobre cada uma das coisas que nos aparecem.

Essa mudança que percebemos acontece também em nossa troca com o outro, que pode ser objeto, lugar, etc. Esta relação pertencente a um todo, é o solo onde colocamos fundações para definir o nosso tempo, o que revela a importância do mundo exterior na apreensão do tempo. Segundo Aristóteles, nossos sentidos percebem o agora e o depois, fazendo o balanço entre o antes e o depois, chegamos ao produto do tempo, como número.

Aristóteles sustenta que o tempo em seu mais profundo e inóspito fim, é o da interação com a mudança, no movimento das coisas que demarcamos no espaço, e, de que nos

⁴ Cf. Fís. IV, 11, 219b 15.

apresentam nas nossas, imperativas, vidas em contato com o movimento, destarte, poderemos dizer que o tempo aristotélico, é um tempo determinado pelo movimento das mudanças, pois, um mundo sem essas condições não existiria, ele seria comprimido no conceito de unidade imutável. Porém, essa condição poderia ser considerada adversa, pelo fato de que, se definirmos o tempo como movimento ou mudança, o conceito entraria em um âmbito de substância.

Por fim, o tempo aristotélico é movimento da mudança, que é tomado do mundo por meio da alma, uma relação bivalente entre alma e mundo físico, que culmina na percepção que temos de tempo e de mundo, no que consiste, o aprendizado da relação de tempo, pode variar em aspectos particulares, no entanto, quando pensamos o tempo, teremos que entender o movimento e a sensação como complementos mútuos.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho filosófico pode ser muito doloroso no início, pois, exige paciência e denodo, no cumprir de uma meta, porém, quando se entende, o que Aristóteles quis dizer quando tentou entender, explicar e definir o que é essa coisa que chamamos de tempo. É que reconhecemos o valor que do trabalho duro e dedicado. Demonstrado na sua mudança, cujo início é árduo e o final gratificante, quando se goza da possibilidade de constituir um texto sobre o que é considerado, com razão, extrato do pensamento humano, é que podemos alcançar os melhores e mais completos vãos para esse, que é um mundo fascinante e temporal.

O que me marcou mais foi o apreço com que Aristóteles trata o movimento e a mudança. O movimento tendo seu papel de suma importância, no entendimento do que é uma mudança, e como o tempo pode não existir, se não estivermos percebendo, nesse passo, Aristóteles nos leva a raciocinar, se podemos mesmo não ter um tempo, e chega à conclusão que estamos a mercê da mudança para entender o tempo.

O tempo é e será um conceito complexo, conhecido por todos, explicado por poucos, o que me leva acreditar, no que a filosofia tem de melhor, a busca pelo que não foi explicado. E o melhor entendimento das atribuições humanas no mundo, a indagação, o ímpeto pelo conhecimento e pela revitalização do que consideramos como o néctar do pensamento, e no que concernem à busca de esclarecimento do mundo, as atividades intelectuais requerem tempo e reflexão contínua, e assim, poderemos importar todos os conceitos para o nosso cotidiano, rompendo as barreiras que surgem, ao nos depararmos com os obstáculos frívolos que a labuta diária e constante da contemporaneidade nos conjuga a seu bel-prazer.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Física I e II**. Prefácio, tradução, introdução e comentários: Lucas Angioni. Campinas, SP: Editora da Unicamp, (2009).

ARISTOTLE. **Physics**. Translation and textual notes by Robin Waterfield. New York: Oxford University Press. (2008).

PUENTE, Fernando Rey. **Os Sentidosdo Tempo em Aristóteles**. São Paulo: Loyola, 2001.

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução coordenada e revista por Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2000.